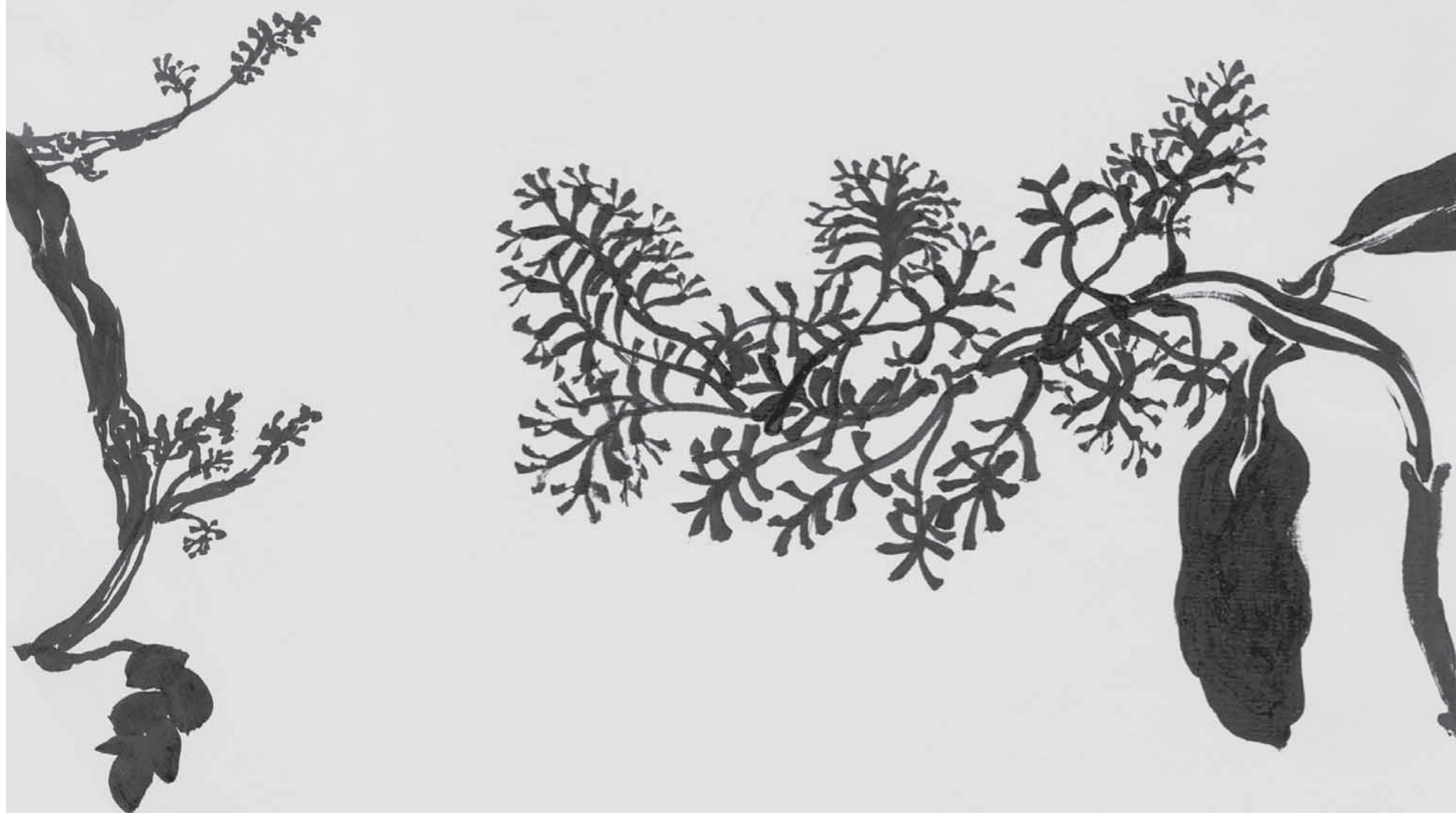


SUPLEMENTO LITERÁRIO



Uma entrevista realizada há 15 anos é o destaque deste número do *Suplemento Literário*. Algumas características a tornam especial. Primeiro e mais importante, porque o entrevistado, o escritor Fernando Sabino, era avesso ao gênero. O autor de *O encontro marcado* concedeu raras, raríssimas entrevistas, e, ao longo da vida, rompeu educada e tacitamente, bem ao seu estilo mineiro, com a imprensa, quando esta lhe procurava para uma conversa. Então, Sabino costumava encaminhá-la para *O tabuleiro de damas* (1989), onde estariam todas as pretensas respostas que interessariam ao jornalista. E, logo no primeiro texto desse livro, ele avisava: “Não gosto muito de entrevistas – embora a ideia deste livro, que me acompanha há anos, ao longo da minha vida literária, renova-se a cada entrevista que tenho dado”.

Em segundo lugar, há o mérito dos entrevistadores de estabelecer de imediato um diálogo franco e desarmado. O Fernando Sabino captado ali é aquele que Paulo Mendes Campos definiu do seguinte modo: “um brincalhão que se diverte à custa dos outros e que, à custa de si mesmo, diverte os outros. Mas não avaliza o conceito, afirmando nunca ter levado nada na brincadeira, nem a própria brincadeira.”

Da entrevista os leitores podem passar para dois textos de criação que giram em torno do cinema. O brasileiro radicado na Itália Julio César Monteiro Martins é o autor do conto *Orson*, centrado na figura do genial diretor de *Cidadão Kane* – e que, quando esteve em Ouro Preto, hospedou-se no mesmo Hotel Tóffolo, cenário da entrevista com Fernando Sabino. E Paulo Vilara homenageia a arte de Godard e John Huston, dentre outros, ao montar (o verbo não é gratuito) sua narrativa a partir de um painel intertextual com os títulos de filmes clássicos.

Além da entrevista e dos contos, completam esta edição poemas de Beth Fleury e Ricardo Teixeira de Salles e ensaios sobre Murilo Rubião e a respeito dos descaminhos da crítica literária praticada no Brasil.

O desenho da capa é de Liliane Dardot, artista plástica nascida em Belo Horizonte e graduada pela Escola de Belas Artes da UFMG em 1968, época em que se destacou entre os jovens ilustradores do *Suplemento Literário*. Hoje, seus trabalhos podem ser vistos em galerias de várias partes do mundo.



Desenho de Liliane Dardot
Foto e Manipulação: Plínio Fernandes

Governador do Estado de Minas Gerais	Aécio Neves da Cunha
Secretário de Estado de Cultura	Paulo Brant
Secretário Adjunto	Estevão Fiúza
Superintendente do SLMG	Jaime Prado Gouvêa
Assessor Editorial	Fabrcio Marques
Projeto Gráfico e Direção de Arte	Plínio Fernandes – Traço Leal
Diagramação	Fernando Vilasboas – Traço Leal
Conselho Editorial	Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrcio Marques
Equipe de Apoio	Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, José Augusto Silva
Estagiárias	Geizita Mendes, Mariana Novaes, Mariana Piastrelli
Jornalista Responsável	Antônia Cristina De Filippo – Reg. Prof. 3590/MG

SUPLEMINTO LITERÁRIO

Textos assinados são de
responsabilidade dos autores

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo
30130-180 – Belo Horizonte, MG
Fone/Fax: 31 3269 1141
suplemento@cultura.mg.gov.br

Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

Ilustração de Sebastião Miguel

O R S O N

Conto de Júlio César Monteiro Martins



“Mi godo la tua nudità,
E i tuoi occhi di scampato pericolo:
Chi sei con questa carne d’avorio
e un oscuro pudore sulle anche?”

Il Passaggio, de Dante Maffia
em “Passeggiate Romane”

As mocinhas da esquerda bodeada brigavam com os mocinhos da esquerda colorida, ou vice versa, aumentando sempre o consumo de vinho branco, que distinguia os jovens jovens dos jovens velhos, eternos bebedores de cerveja sem colarinho.

Naquele bar de Belo Horizonte, nas noites de fim-de-semana, as pessoas que se achavam muito especiais procuravam outras ainda mais especiais, forasteiros de preferência, para efeito de sedução, cama e prestígio público, nesta ordem.

Os métodos de sedução consistiam, em geral, em desafios intelectuais, acusações ideológicas ferinas e falsas antipatias. E funcionavam sempre. Os rapazes de barba e bolsa, fantasiados de líderes da guerrilha urbana, olhavam com desconfiança e fascínio para os rapazes de brinco na orelha esquerda, apaixonados pela própria sombra. As moças bem-falantes, candidatas a atrizes românticas, sentiam-se agredidas pelas moças de olhar duro, que por sua vez sentiam-se agredidas por todos os homens, de brinco ou de barba.

O bar era um grande festival de cores, ruídos e dentes à mostra. As pequenas mesas acabavam lado a lado, em longas tavolas, onde reuniam-se oito, dez pessoas, todas bebendo muito e pensando muito, produzindo conclusões como leite gordo produz queijo. Parecendo terem sido feridas de morte no lado ideológico do cérebro, não conseguiam estancar hemorragias conceituais, que jamais se coagulariam em algum tipo de ação. Os mais recentes dogmas em sexo e política eram defendidos com tanta veemência, contra supostos acusadores abstratos, que jamais haveria tempo ou espaço mental para as suas práticas: tornavam-se todos grandes estrategistas de batalhas que jamais seriam travadas.

Eu disse todos? Pois disse-o mal. Havia uma única e, claro, honrosa exceção: o poeta romântico e funcionário aposentado José Alípio Teixeira Damasceno. Sentado à última mesa ao fundo do bar, por trás de um fino calice de Fernet Branca, o poeta bebericava a sós com seus segredos. Observava a mixórdia geral com superior desinteresse, com um sorriso de mofa muito pessoal a ornar-lhe o rosto, que surgia altivo por sobre o colarinho duro e a gravata-borboleta de bolinhas azuis.

Alguns pensavam que seu desprezo generalizado advinha da invasão da noite mineira pelo que ele chamava de “comunistas libertinos”, que passaram a se reunir nos antigos antros da boemia parnasiana. Mas não, não era a morte dos sonetos e serenatas ao luar que feria o orgulho do poeta. Sua mágoa vinha dos olhares irônicos e paternalistas daqueles fedelhos, que ao vê-lo deslizar por entre as mesas, apontavam-no aos turistas e curiosos, dizendo: “Aquele lá é o José Alípio, o poeta mineiro que dormiu com o Orson Welles”.

Magoava a José Alípio aquela invasão indevida de seu mistério sensual. Dormir... dormir... Quem disse que havia dormido? Simplificam o sublime, esses bebedores de maconha. Aviltam o esplendor do exótico affair, sem o qual a vida do poeta teria passado em nuvens tão brancas quanto o seu cálice de Fernet.

E sem se deixar alterar pelas risadas chulas dos fregueses mais exaltados, José Alípio procurava reconstituir pela enésima vez, aplicando cosméticos à memória, a sua noite máxima, quando o acusam de ter dormido. Isso nunca! Cada momento junto ao grande gênio do cinema foi vivido com a intensidade das grandes paixões, que levava seu mestre e amado a intercalar momentos de ternura quase infantil, com arroubos de

desejo que beiravam ao ato violento. Sim, aqueles cabeludos pervertidos que debochavam dele no bar jamais viriam a saber o que significa viver um grande amor.

Os fatos, conforme a realidade os produziu, José Alípio não os lembrava ou não os queria lembrar, no hábito tão típico dos poetas de rimar passado e fantasia. Pois tudo aconteceu como lhes narro a seguir:

Em fins dos anos cinquenta, o obeso cineasta veio ao Rio de Janeiro, acompanhado de uma entourage de pessoas famosas do mundo de Hollywood, da qual ele era a estrela maior, causando furor na imprensa local e, de resto, no país inteiro.

O americano desempenhava com muito brilho, e com muito álcool também, de modo que correspondia exatamente à expectativa que se tinha dele, como ser inexpugnável e pouco dado a requintes de sobriedade. De fato, o furor que causou foi tamanho, que a camareira que o atendia espantava-se sempre com a quantidade de bilhetinhos de amor e até fotografias que os fãs enfiavam por baixo da porta de seu quarto, e cuidava

de varrer tudo rapidinho, antes que o grande homem os visse.

José Alípio, a este tempo jovem poeta e jornalista da cidade de Diamantina, orgulhoso conterrâneo do então presidente Juscelino,

resolveu aventurar-se pelo Rio de Janeiro. Trouxe consigo um repórter-assistente, um menino sardento, filho de importante família local, e o único que falava inglês com certa fluência, o que era indispensável para os planos do poeta. Trouxe também um fotógrafo meio maluco, meio falastrão, apelidado de Mocó.

No ônibus, enquanto flertava com seu amigo sardento, ia contando que sempre fora um aficionado do cinema norte-americano, principalmente das películas românticas, com Greta Garbo, Allan Ladd e Don Ameche, e até das mais antigas, com Valentino e a sedutora Theda Bara. O garoto o ouvia atento e o admirava pelos seus conhecimentos, seus vinte anos completos e seu tipo, espadaúdo e pálido por vocação parnasiana.

O poeta afirmou que não fizera filmes ele próprio porque, além dos esforços do pioneiro Humberto Mauro, o cinema estava para Minas, na época, mais ou menos como a pólvora e o cavalo estavam para os Incas, por ocasião da chegada dos espanhóis. Não fizera cinema, é verdade, mas nada o impediria de fazer a grande entrevista, que da edição dominical do Diário de Diamantina, seria reproduzida com estardalhaço pela imprensa mundial.

De mãos dadas com o seu discípulo, o poeta via passar pelas janelas do ônibus as intermináveis colinas, ornamentadas por casas de cupim e vaquinhas malhadas, enquanto sonhava em perguntar ao gênio ilustre o verdadeiro significado da aparição do trenó Rosebud, na cena final de Citizen Kane, sua obra-prima favorita.

Hospedaram-se os três rapazes na Pensão Riachuelo, logo abaixo dos Arcos da Lapa, e ali passaram a primeira noite dormindo profundamente.

Somewhere over the rainbow...

Foi muito difícil para o poeta, na manhã seguinte, convencer a Mocó de que seria preciso chegar bem cedinho ao Hotel Copacabana Palace e pedir audiência ao mestre, e que portanto não havia tempo para visitar o estádio gigante do Maracanã, ou para fotografar a Cidade Maravilhosa lá do alto do Corcovado.

— Quer dizer que você me trouxe lá de Minas só pra fotografar o tal homem gordo, que nem brasileiro é...

— Deixa de ser burro, Mocó. Ele é o homem mais importante do mundo.

— Mais importante que o presidente Juscelino ele não é...

— É sim, uai. Ele é o Presidente da Sétima Arte, de todas a mais sublime e encantadora...

O porteiro do Copacabana Palace deu uma sonora gargalhada ao saber que os rapazes queriam ver o visitante pessoalmente. “Não percam o seu tempo”, ele disse. “Tomem o ita de volta pra Minas e esqueçam o assunto. Os grandes jornais do Rio estão tentando o mesmo desde que o homem chegou, e ele não cede nem um minutinho, não responde a nada, e pra dizer a verdade, está bêbado desde que botou o pé aqui, e já foi carregado da piscina para o apartamento duas vezes por não conseguir se manter sobre as pernas. Tivemos que chamar seis funcionários parrudos pra levantar o bicho e arrastar ele, gordo que nem baiacú de barriga coçada.”

— Ita de volta pra Minas... – ruminava furioso o poeta. – Com quem ele pensa que está falando? Sou sobrinho do presidente J.K. ...

— Aí você me desculpe, mas eu ia ter que te desmentir... – lamentou o sardento.

— Desmentir por que? Ele nunca vai poder conferir em Diamantina ou na nova capital...

Passou o dia de pé, o poeta. Hirto e um tanto aflito, em frente à portaria principal do hotel, José Alípio era frequentemente confundido com os carregadores de malas pelos turistas estrangeiros, pouco adestrados em diferenciar a aristocracia brasileira da plebe local, pela tez, pelo porte ou pelos dentes. Ele negava-se a retirar a bagagem do porta-malas dos grandes carros negros, e por isso ouvia xingamentos em muitas línguas que desconhecia.

Procurava fazer passar o tempo declamando na memória o poema que escrevera para Orson, seu primeiro trabalho publicado, que, desgraçadamente, por ser em português castiço, jamais seria lido por quem o inspirara. Ele terminava o poema com os olhos mareados:

“... e quando à Hollywood majestosa voltares
Coberto das glórias os lauréis
Lembraí deste Brasil alvissareiro
Dos fãs a lhe acenar com seus chapéus
Da gratidão pela arte em celuloide
Que nos legou o ilustre Orson Welles.”

Um farol de luz vermelha assinalava ao longe as zonas proibidas do mar. Mocó havia se cansado de acompanhar com os olhos o ir e vir de carros conversíveis pela Avenida Atlântica e bocejava a todo instante. O sardento dormia sentado, recostado à vitrine de uma joalheria. José Alípio temia que algum desavisado desse esmolas ao menino, e o acordou, mandando-o acompanhar o fotógrafo de volta para o hotel da Lapa, para que descansassem. Quanto a ele, iria mais tarde. Ficaria vagando um pouco mais pelas varandas e corredores externos do hotel, pensando num modo qualquer de burlar a vigilância e finalmente abordar o seu ídolo.

Por volta das onze e meia da noite, o poeta já cochilava, recostado ao pára-lama de um Oldsmobile, quando um gringo grisalho veio à calçada, acompanhado de um dos garçons, e após fitar o mineiro por alguns instantes, apontou o dedo em sua direção. Imediatamente, o tal garçom pousou as mãos calosas sobre ele e arrancou-o de seu posto de espera com um puxão brusco.

— Que é isso? O que é que vocês querem comigo?

— Fica quietinho, garoto. O homem quer você.

— Quem ? Eu?

— É, você... Acho que vai servir... Ele vai gostar de conhecer você, menino...

Levaram-no para dentro, puxando-o ao longo de imensos corredores com lustres de cristal e sancas decoradas. O americano grisalho abriu a porta da suíte, primeiro uma fresta por onde olhou para dentro e pronunciou algumas palavras estrangeiras, e então empurrou o poeta para o interior da alcova de Orson Welles, com o gesto de quem empurra suspeitos para dentro de camburões da polícia. A pesada porta de jacobina fechou-se atrás do jovem vate mineiro, e o que passou a ocorrer dentro daquelas paredes ficará para sempre no terreno das especulações, do insólito, do incognoscível.

Sabe-se, no entanto, que quando a assustada camareira veio trazer a bandeja de frutas, pela manhã, foi recebida à porta por um jovem nativo, pálido, e com olheiras enormes, dentro de um gigantesco robe-de-chambre lilás, emprestado pelo mestre. Ele aproximou-se da mulher lentamente, arrastando um pouco a perna esquerda e estampando no rosto um radiante sorriso de triunfo.

Do lado de fora do hotel, seus dois companheiros já estavam histéricos. Após perguntarem pela redondeza se alguém havia visto o poeta vagando por ali, se poderia ter sido ele preso, sequestrado ou deportado, e sem conseguirem mais que muxoxos de indiferença, os mineiros estavam dispostos a comunicar o desaparecimento de José Alípio à polícia, ou até a passar um telegrama urgente para o prefeito de Diamantina pedindo providências oficiais.

Estavam todos muito tensos, cozinhando seus miolos sob o sol carioca, quando o poeta surge no fim do saguão central, e vem caminhando, majestoso e lento, com sua perninha avariada. Mocó não resiste à cena e bate um instantâneo, que o poeta levaria consigo, dentro da carteira de crocodilo, pelo resto de seus dias. O sardento correu em sua

direção, aflito, perguntando aos arrancos o que havia acontecido. José Alípio abraçou-o forte, em silêncio, e então, deitando a cabeça em seu ombro, começou a soluçar, repetindo:

— Foi maravilhoso... Só Deus sabe como foi maravilhoso...

— Conseguiu a entrevista? – gaguejou Mocó.

— Entrevista? Que entrevista?...

— Pôxa, poeta... Então você não fez a entrevista com o gordo...

— Mocó – apertava o fotógrafo entre seus braços – não fique triste, Mocó. Foi maravilhoso....

A viagem de volta foi para o poeta como a travessia de um túnel do tempo, em direção a uma Diamantina passadista e prosaica. No entanto, algo dentro dele havia mudado, e de alguma forma ele sabia que a partir do que houvesse, nem ele nem Minas seriam os mesmos.

Chovia ao longo da estrada. Uma velhinha, que ia para Juiz de Fora, carregava duas galinhas numa sacola de pano, que não pararam de cacarejar durante todo o trajeto. Mocó ensinava ao sardento os mistérios da arte fotográfica, desmontando a velha câmera para mostrar seu mecanismo. José Alípio, enlevado, terminava um poema anotado nas margens de um exemplar de *O Cruzeiro* que trazia fotos do grande gênio:

“...são lembranças tão profundas
Inda que a elas tema
Que a fogo marcou-me n’alma
A ternura de um poema
Abandonado na neve
Como um trenó no cinema.”

Nos primeiros dias após a chegada, a novidade espalhou-se, documentada nas fotos de Mocó. Vieram os anos sessenta, calmos ainda em Minas, e o poeta conseguiu transferência na repartição para Belo Horizonte, sonhada capital, onde fundaria uma pequena e efêmera revista literária. Até lá haviam chegado as histórias de suas aventuras cariocas e de sua grande paixão internacional, já um tanto glamurizada pela

imaginação popular. Naqueles dias, os sonhadores e os últimos seresteiros ainda prestavam homenagens ao vate sensual.

Os anos setenta foram atravessados com grandes dificuldades pelo poeta, distanciando-se de seu amado pelo impiedoso passar do tempo, e tornando-se vítima da malícia ociosa do vulgo e do folclore dos bares. A antiga admiração aos poucos transformava-se em deboche.

A década de oitenta chegou abrindo o espírito do Brasil, cada vez mais discutido, mais leve e mais vital. Só o poeta, sempre solitário, envelhecia sobre o calice de Fernet Branca, a olhar o futuro com desdém e ressentimento.

Seus amigos haviam deixado Minas Gerais ou morrido, o que para ele era mais ou menos a mesma coisa. O sardento era agora comentarista esportivo de certo prestígio, em São Paulo. O fotógrafo Mocó havia montado um estúdio de retratinhos 3X4 ao lado da estação rodoviária, e deixava a sua auxiliar fazer todo o serviço nos fregueses, enquanto ele, de pé na calçada em frente, sempre um pouco embriagado, balbuciava piadinhas obscenas para as prostitutas doentes que saltavam dos ônibus da Cometa.

E lá estava José Alípio, adentrando a madrugada de domingo. No restaurante, o velho garçom recolhia das mesas os guardanapos usados e as longilíneas garrafas vazias de vinho branco. O poeta, último freguês, de olhos cerrados sobre um sorriso inefável, imaginava-se Judy Garland, no film *O Mágico de Oz*, saltitando com uma cesta de flores e cantando: “Somewhere over the rainbow/Way up high...”

Após alguns minutos de espera impaciente ao lado da mesa do poeta, o garçom inclina o tronco e ameaça retirar-lhe o calice de entre os dedos. José Alípio recolhe a mão, puxando o calice para mais perto de si, num gesto de desafio que vem se repetindo em todos os fins-de-semana. Com as faces e a calva coradas, o poeta atira sobre a toalha uma nota amassada de mil cruzeiros. O garçom a apanha, afasta-se e o freguês saboreia as últimas gotas do Fernet. Então retira do bolso da calça um lenço de cambraia bordado com seu monograma e enxuga

o suor da testa e uma única lágrima que se lhe escapa do canto do olho, murmurando: “Orson... Orson... Por que me abandonaste?...”

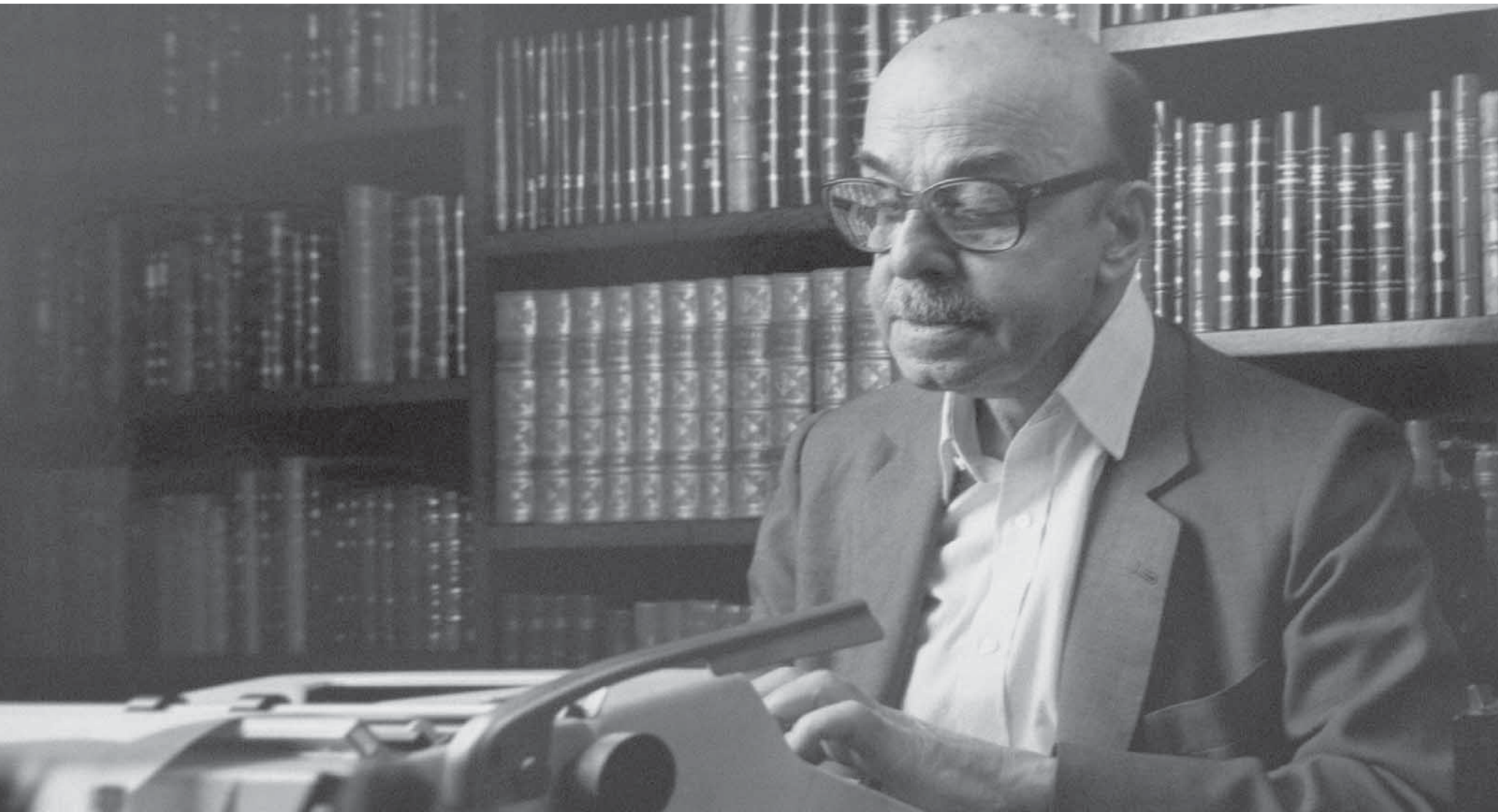
Ergue-se de sua mesa e caminha para a porta. O queixo ereto, a gravata-borboleta levemente torta, os passos medidos. Nas noites de sábado gastava alguns cruzeiros a mais e voltava de táxi para o seu humilde porém asseado quarto de pensão. Ao lá chegar, releiria alguns poemas, Augusto dos Anjos, e talvez algum Bilac, namoraria velhas fotos e dormiria ao lado de seus dentes postiços, a lhe sorrirem pela noite adentro através do vidro do copo.

O poeta acenava para o táxi na Rua Espírito Santo, quando o garçom veio à sua procura, arfando da corrida, tentando devolver-lhe o troco que havia esquecido. José Alípio sentia-se generoso e grato:

— Muito bem, Olympio, o troco é seu, você sabe... Na verdade, não se fabricam mais homens bons como você. O gênero humano está condenado à sordidez e ao desacato. Hoje em dia, meu velho amigo, já não se pode mais viver um grande amor.

JÚLIO CÉSAR MONTEIRO MARTINS
é natural de Niterói (RJ), e contista e romancista. Atual leciona Português na Itália, onde dirige o jornal Sagarana.





Acervo dos Escritores Mineiros – UFMG.

Lázaro Barreto

(Sozinho e Deus) Murilo Rubião

Antes de fixar-se em Belo Horizonte para empenhar sua palavra na vida literária, ele captou e absorveu o clima e a cultura das altitudes bíblicas e montanhas dos rincões mineiros, esparramados ao longo das curvas e retas dos torrões natais das coisas e dos seres, testemunhando nas lonjuras e nas proximidades o fervor transviado, às vezes, em desconsolo: a pureza cada vez mais longe, o pecado cada vez mais perto.

As epígrafes bíblicas de seus contos são tiradas das sagradas escrituras como se fossem cartas de Deus encontradas nos serros frios, nos carmos de minas, nos morros velhos dos ouros brancos e pretos da mesma correlação antropogeográfica.

Espelhando-se nas visões alteradas e nelas embutido, ele como que vislumbrava e concatenava os amplos e escantilhados horizontes. Sabia naturalmente que bastava cavar a superfície para adentrar na profundidade – e aí a desmontagem de uma visão é a montagem de outra, e quando uma começa a tremeluzir, a outra começa a impor novos conceitos, às vezes nervosa e nebulosa e acirrada, envolta em estigmas, dos quais logo prorrompem novas membranas plasmáticas. É como se estivesse mentalmente nos antigos sertões salpicados de atritantes gentios e hebreus – e fisicamente viajasse nos modernos sertões mineiros, igualmente atritados de ideologias contraditórias. O que fazer na dualidade dessa



sofreguidão? Peregrinar na contrariedade dos tempos e lugares que se abraçam, furtivamente contemporâneos e irmanados? A peregrinação se avista nos ínvios trajetos de Israel ao Egito, do Egito à Israel, passando pelas areias, águas e rios até chegar à Casa de Davi e à ascendência e descendência dos patriarcas, tudo em terras ásperas, demoradamente aproximadas na configuração de um novo testamento que descreve tantos bens materiais e imateriais, espetados em ícones luzidios, ainda hoje estriados de sangue, suor e lágrimas, tanto nas distantes regiões de Nazaré, Betânia, Galileia, Jerusalém, Sinédrio, Calvário (com o mártir da humanidade) quanto nas minas gerais de tantas pedras preciosas, tantos quilombos, espoliações e delações, tantos rios das mortes, serros dos frios e das piedades, sítios da inconfidência (com o mártir da brasilidade), cartas de datas e de sesmarias, autos de muita fé nas Nossas Senhoras do Desterro, das Dores, do Carmo de Minas e do Carmo da Mata.

A ele, assim viajado e bem entendido, bastava abrir os olhos para ver e assim respirar os circulares horizontes, como se sem aluir do lugar estivesse nos píncaros dos alpes, dos andes, das canastras e mantiqueiras, a manipular a aparição de gigantes e de anões das várias espécies possíveis, a ver e ouvir a história do padre que misturava ouro moído nos alimentos para não deixá-lo aos infieis parentes em seu inventário, tão de mal estava com a humanidade enfadonha e ranzinza; e também a do homem de pele solta na carne e nos ossos, igual a de um gato, que podia, se quisesse, virar o rosto para a nuca, os dedos dos pés para os calcanhares. Uma terra assim pródiga de eventualidades exigia a presença de

um homem valente e transfigurador, inspirado e auspicioso, respeitador e aceitador das anomalias e excentricidades, um homem assim imbuído de poderes sobrenaturais que revirasse a ordem das coisas, mostrasse o avesso dos tempos, voasse nos cabos elétricos de choque em choque até fazer das tripas coração e dos estrídulos banais a mais requintada canção dos encantos da natureza incólume, apesar de todos os pesares.

Ao lado, abaixo e acima dos rincões revisitados existe a geografia mental dos nichos e ninhos, as ilhas de seixos paralelos e complementares, uma ou duas bandeiras a meio pau, detidas aqui e soltas ali, a desobedecerem as recomendações de praxe, a desarticularem o lívido raciocínio.

E no espaço viscoso do tempo maleável, ele pinta e borda os caracteres (muito à vontade nas técnicas e aparelhagens) de uma lucidez, tentando em vão demover a gama dos comportamentos incompatíveis: a docilidade apostando na cumplicidade, a complexidade surrando a simplicidade, aflo-rando, sempre, aqui e ali os preciosos achados, soterrando as obviedades desgraciosas – e é assim que bem cedo amanhece o dia, saído dos lençóis e cobertores do aninhado impulso enredador. Assim mesmo é que é o mundo de Murilo Rubião, que levou a vida inteira a degustar os sabores mais requintados, sem jamais escoimá-los da cotidiana pauta de nossa vida. Ele lia mais do que escrevia? Muito mais. Às vezes levava meses e anos para considerar pronto e acabado um conto que, no entanto, sintetizava muitos outros, todos cheios de pontos e de pontas. Leitor feliz de Machado de Assis e Miguel de Cervantes, de Guy de Maupassant e Mário de Andrade, acabou

Em 1966 (plena ditadura militar), ele funda e começa a dirigir o Suplemento Literário do Minas Gerais, encarte do Diário Oficial, então distribuído semanalmente em todos os municípios mineiros, quando fez pela cultura geral o que nenhum outro intelectual fez nos anos posteriores até os dias de hoje...

caindo afavelmente nos próprios braços. Mas a escolher entre os ângulos do célere e do airoso, ele preferiu a diagonal contenciosa, tentando acasalar a concisão e o esbanjamento na normalidade mais anormal do mundo, ficando entre o certo e o duvidoso, que afinal são faces da mesma carta do baralho do existencialismo de uma agridoce literatura das almas penadas e absolvidas, concomitantemente.

Em 1966 (plena ditadura militar), ele funda e começa a dirigir o Suplemento Literário do Minas Gerais, encarte do Diário Oficial, então distribuído semanalmente em todos os municípios mineiros, quando fez pela cultura geral o que nenhum outro intelectual fez nos anos posteriores até os dias de hoje: as páginas recepcionavam os bons escritores, novos e consagrados, sem criar e manter patotas com o dinheiro público – e além dessa publicação, ele, como Diretor da Imprensa Oficial, aproveitava o tempo ocioso do funcionalismo e do maquinário para propiciar o lançamento de livros de novos autores, cujos textos originais fossem antecipadamente estudados e aprovados por uma Comissão Julgadora acima de qualquer suspeita. Paciente com Deus e todo mundo, ele só se impacientava com a mediocridade e o bafafá dos chulos e vaidosos, e mesmo sem afobar, ia escrevendo (sua obra magra resultou na verdade num polpudo resumo essencial): listava os alimentos, escolhia, remoia, e quando ia levar à boca, a mão tremia, e assim ia se fartando sem comer: entre duas alucinações, ele mancava, gaguejava...: como bom mineiro, falava pouco e acertado. Celibatário convicto, amante à distância de Marilyn Monroe, Greta Garbo e Silvana Pampanini, ele recolhia as cartas, grávido de propensões, ávido de expansões (contidas sabe Deus como). Bebia para fazer boca de pito, insurgia, apaziguava, comandava. Nele o insólito nunca é espantoso: o escritor, o personagem, o leitor, todos aceitam e aprovam tacitamente o que seria um absurdo e que não é: se o freguês tira do bolso o dono do restaurante, ele o faz porque gosta de fazê-lo – e

estamos conversados. Seríamos todos prosaicamente normais se a vida e o mundo não fossem poeticamente anormais.

Suas epígrafes bíblicas seriam réplicas ou ressentimentos aos mandatários dogmáticos? Acredito que sim e que não, que não e que sim. Creio que é assim que ele expõe sua fé ao crivo da razão, tirando dela a cegueira que a própria criação de si mesmo substituiu, nele, a claridade de assim ver as coisas e os seres com os próprios olhos. Sua literatura está sempre a dizer ao leitor: não sou doída, você é que está ficando um pouco mais livre – cada vez mais livre das peias e da escuridão. Assim ele não desarticula as junções das fases e frases, nunca perde o fio da meada. Se a linguagem fosse empertigada, toda a magia e a licenciosidade das ações exauririam o nexos e o léxico do texto e logo-logo o leitor abjuraria a página e ia ler outra página em outra freguesia.

A tese (de Borges), de que todo poema é um rascunho, é confirmada em seus textos: seus contos são poemas que pingam nas podaduras e nos adendos, na circularidade dos temas e dos tons, que pingam nos tropeços e nos descaminhos, até que depois de tanto espicaçarem, caem no livro como as fecundas chuvas da estação mais propícia. Nunca se fez de rogado, para assim delicadamente replicar ao Criador: cada deformação é uma revisão da criatividade, ou ao contrário, cada revisão é uma proposital deformação, visando quebrar uma cansativa monotonia? Esse possível ou impossível Criador, lá no íntimo de sua pontualidade críditica, terá aprovado e até exultado com a murilorrubiana malcriação que, afinal de conta e de coisas, deixa-nos todos à vontade para observar e descrever os que se viram livremente na vida, por bem e por mal, nesta feira de variedades que é o mundo em que vivemos?

Passei dias e dias pensando em como escrever este texto. Meu objetivo era mostrar que a crítica literária brasileira está em crise. Depois, pensando melhor, cheguei à conclusão de que a situação não é tão desesperadora. Não há uma crise, mas sim uma proliferação de pessoas incompetentes e/ou interesseiras praticando a crítica literária, pessoas que não têm nenhum comprometimento com a literatura.

Quando digo “crítica literária” não me refiro apenas às análises de livros que encontramos em jornais e revistas. Coloco no mesmo balaio – e sei que vai haver quem proteste – blogs e sites que se dedicam a comentar literatura. Mas, se generalizo, não é senão porque, de uns tempos para cá, todo indivíduo que leu meia dúzia de clássicos tomou a liberdade de se dizer crítico literário.

Voltemos à “crise”. “Normalmente as resenhas são feitas no interesse dos editores e não no interesse do público”, diz Arthur Schopenhauer em

OS DESCAMINHOS DA CRÍTICA

“A arte de escrever”. Foi assim por um bom tempo, e, ainda que isso tenha diminuído bastante, continua sendo. Com uma pequena diferença: hoje o interesse é, quase sempre, pessoal: do próprio “crítico”. Não há mais, salvo raras exceções, críticos preocupados em expor sua verdadeira opinião sobre determinada obra. Hoje boa parte dos resenhistas utiliza critérios abomináveis quando vão escrever a respeito de algum livro: amizade (ou inimizade) que têm com o autor criticado e/ou ter um original na fila de espera da editora que publicou o livro a ser resenhado são dois exemplos.

Dessa forma, lemos críticas favoráveis a livros ruins e desfavoráveis a livros bons. É certo que uma resenha não tem mais o “poder” que tinha antes. Do final do século XIX até meados do século XX (talvez um pouco mais, até a década de 70), um crítico, a depender de quem ele fosse, poderia definir o destino de um livro. Mas não é porque hoje uma resenha não tem tal influência que podem os críticos utilizar seus textos para adubar anseios pessoais e profissionais.

No ensaio “O ideal do crítico”, Machado de Assis faz uma belíssima reflexão sobre a crítica literária. Mais que refletir, Machado mostra os caminhos que levam a uma crítica justa, coerente, sincera e independente: “A crítica útil e verdadeira será aquela que, em vez de modelar as suas sentenças por um interesse, quer seja o interesse do ódio, quer o da adulação ou da simpatia, procure reproduzir unicamente os juízos da sua consciência”. Críticos assim não têm muito espaço na imprensa, é verdade, e muitas vezes acabam desistindo da atividade, tamanhas são as dificuldades enfrentadas e as restrições que lhes são impostas. Recorro, mais uma vez, ao ensaio de Machado, para mostrar quão difícil pode ser a vida

de um crítico correto: “Com tais princípios, eu compreendo que é difícil viver; mas a crítica não é uma profissão de rosas, e se o é, é-o somente no que respeita à satisfação íntima de dizer a verdade”.

Eis o que deveria guiar todo crítico: a satisfação íntima de dizer a verdade, seja ela qual for. Alguns certamente dirão que a verdade não existe, e invocarão a máxima utilizada pelos relativistas, que dizem que tudo é relativo. Deixo-lhes, então, um trecho do livro “O rio que saía do Éden”, de Richard Dawkins: “Aponte-me um relativista cultural a 10 quilômetros de distância e lhe mostrarei um hipócrita. [...] Se você estiver voando para um congresso internacional de antropólogos ou de críticos literários, a razão pela qual você provavelmente chegará lá – a razão pela qual você não se esborrachará em um campo cultivado – é que uma multidão de engenheiros ocidentais cientificamente treinados realizou os cálculos corretamente”.

Mas por que obras ruins são publicadas, então? Ao contrário do que desejava Schopenhauer (“a grande maioria dos livros é ruim e não deveria ter sido escrita”), não é possível simplesmente ignorar as tais obras menores. Muitas delas são necessárias para sustentar o mercado editorial. No fim das contas, são os livros ruins que mais vendem. Essa talvez seja a única virtude deles, e é mesmo uma posição honrosa, desde que seus autores não tenham arroubos de arrogância e prepotência, achando-se os mais novos cânones literários.

Infelizmente, a camaradagem, o apadrinhamento, a inimizade são fatores que sempre estiveram presentes na literatura e sempre vão estar. Na verdade, tais características são visíveis em qualquer área da sociedade. É assim na política, é assim no trabalho. Tendemos a ser condescendentes com aqueles que estimamos e intolerantes com aqueles pelos quais não temos estima alguma. O que fazer, então, a respeito disso? Admitir e

LITERÁRIA BRASILEIRA

Rafael Rodrigues

O argumento “tudo é relativo”, se é que se pode dizer que isso é um argumento, é divertido quando utilizado em algumas ocasiões (é uma excelente maneira de se irritar uma pessoa, aliás). Mas existem discussões nas quais essa frase não deve ser utilizada jamais. E alguns desses casos estão justamente dentro da literatura.

Existem obras que simplesmente são ruins. Podem ressuscitar George Orwell, um dos maiores críticos literários da história, colocar uma arma em sua cabeça e obrigá-lo a escrever uma resenha favorável sobre uma obra desprezível. Podem fazer um clone de Schopenhauer e torturá-lo para que escreva uma resenha elogiando uma obra de péssimo gosto. Muitos leitores seriam ludibriados, certamente. Afinal, Orwell e Schopenhauer estão acima de qualquer suspeita (mesmo tendo, ambos, errado em alguns julgamentos, como ocorre com todo crítico). Mas, ainda que sejam eles a elogiarem uma obra menor, tal livro não terá sua essência pobre e de baixa qualidade alterada. O pior que pode acontecer, se feita tal inversão de julgamentos, é justamente o leitor levar gato por lebre: comprar um livro ruim pensando que é bom, ou deixar de comprar um livro bom porque alguém o classificou como ruim. Pior ainda: o leitor pode começar a duvidar de sua própria capacidade de discernimento – ainda que a grande maioria dos leitores não tenha tal qualidade –, ou seja, ele pode deixar de folhear livros nas livrarias – em busca de alguma obra que lhe agrade – e, em vez disso, guiar-se apenas pelas listas de “mais vendidos”, que, salvo raras exceções, são compostas por obras irrelevantes. Prova disso é a quantidade de pessoas engabeladas pelos pseudocríticos e por essas listas de “mais vendidos que existem por aí”.

contentar-se com a situação? De forma alguma. Citando Cícero, Machado diz, ainda no seu “O ideal do crítico”: “É levantando as estátuas do teu inimigo que tu consolidas as tuas próprias estátuas”. Esse deve ser o pensamento de todo crítico: elogiar até os inimigos, se eles de fato merecerem. E criticar até mesmo os melhores amigos, se realmente não houver qualidade em suas obras.

No fim das contas, trata-se de uma questão de caráter. Somerset Maugham, nas suas “Confissões”, diz: “o grande crítico deve ser um grande homem”. Da mesma forma que, nas palavras de J.M. Coetzee, “o padrão ao qual todo romancista sério deve aspirar, mesmo sem a menor chance de chegar lá” é “o padrão do mestre Tolstói de um lado e do mestre Doistoiévski do outro”, o crítico sério deve almejar chegar a um patamar em que sua credibilidade seja ululante, sua honestidade um cartão de visitas e que sua sinceridade esteja estampada em cada texto que escrever.

RAFAEL RODRIGUES

é baiano de Feira de Santana e colaborador dos sites Digestivo Cultural e Entretantos.



Foto de Branca Maria de Paula

Às vezes mais
de 70, às vezes
sete anos.

SL

Que idade você
tem, Fernando?

FS

Dezembro de 1994. O Suplemento Literário de Minas Gerais foi a Ouro Preto, onde Fernando Sabino, mineiro de Belo Horizonte então radicado no Rio, mais ou menos se escondeu num auditório, para ouvir o que falavam dele o dominicano Frei Betto e debatedores sobre o livro que lançava, *Com a graça de Deus*. Resumindo o debate e confirmando o texto de Sabino, concluiu-se que Cristo não era um tipo sisudo. Que tinha humor, bom e mau – aliás, a intenção do escritor era tratar do lado humano de Jesus Cristo. Sabino, se intrometendo nos evangelhos, como o credo na vida de Pilatos, com aquela sem-cerimônia mais própria dos padres velhos que há muito se tornaram íntimos de Deus e se dão o direito de atropelar o ritual litúrgico, parecia não só exegeta, mas folgado copartícipe numa história de dois mil anos. O resultado está lá em *Com a graça de Deus* e vale conferir. A entrevista – a Jaime Prado Gouvêa, Drummond Amorim e, fotografando, a escritora Branca Maria de Paula – pode ser repetitiva para quem conhece o mestre de, por exemplo, *O encontro marcado*: muito do que disse está espalhado nos seus mais de 30 livros. O debate aconteceu nas grimpas do centenário e barroco Hotel Tóffolo – pouso modesto porém decente, de longa escadaria e arquitetura complicada, quase sinistra – de que falaram (bem) Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, entre outros, onde morou o pintor Guignard e onde se hospedou o cineasta Orson Welles e mais personalidades dadas antes alçadas aos cocurutos da vida. Sabino fez questão de que a conversa fosse desenvolvida ali, porque o ambiente e adjacências o levavam a rememorar os chamados tempos d’antanho (primeira namorada, bailes, bares etc.). Foi lá que pudemos flagrar e registrar fala e olhos às vezes molhados daquele homenzarrão famoso e emotivo – era o retorno do menino ao espelho e fingimos não ver nada. Ele, que tinha confessado não gostar de dar entrevistas, estava deveras emocionado e, tal qual Flaubert, que um dia foi Madame Bovary, confessou aos editores do Suplemento, que acreditaram, até porque ninguém estava ali para desmentir quem fosse e até prometeram toda a discrição.

Entrevista com Fernando Sabino

Drummond Amorim

Suplemento Literário – Fernando, você declarou algumas vezes não gostar de entrevistas. Agora que foi convidado, quer dizer, agora que o pressionamos e o pegamos com a boca na botija, aceitou falar de boa vontade e até topou escalar montanha para esta conversa. Você mudou?

Fernando Sabino – Eu tenho um certo receio de entrevistas. Não vejam nisso falta de confiança no seu trabalho não, pelo contrário. De suas cabeças é que não podem fazer. Mas se quiserem dizer que eu disse alguma coisa, podem dizer. Tenho uma confiança absoluta no trabalho de vocês.

SL – Esse receio vem de alguma experiência que não deu certo?

FS – Mais ou menos. Uma vez fomos fazer uma entrevista com o Schmidt, Augusto Frederico Schmidt, poeta, eu e o Paulo Mendes Campos. Era uma entrevista enorme, enorme, se chamava “Crise do mundo moderno” e era tão grande... O Jorge de Lima, que também estava lá, queria fazer de próprio punho uma conversa que rendeu 64 páginas. Deu um trabalho danado para escrever e sei o que é isso de fazer entrevista.

SL – Você tem medo de se expor?

FS – Eu não gosto de dar entrevista por várias razões. Primeiro, o que eu falei hoje daqui a pouco já se gastou e eu estou pensando o contrário. Eu não assumo compromisso com aquilo que falo, mas sim com o que eu penso. Também gosto muito mais de perguntar que de responder. E, mais ainda, eu gosto muito mais de perguntar que de ouvir a resposta. Porque a pergunta que eu esperava no momento não é o que é a minha própria vida, não. Eu vivo me questionando e questionando a vida, e a resposta só Deus é quem sabe. É como um de vocês disse quando vínhamos para cá e falávamos do meu último livro: devo estar fazendo minha média com Deus.

SL – Nos primeiros textos, você jogava com esse tipo de dúvida e pelo jeito elas não passaram.

FS – Acontece que eu escrevo exatamente para buscar respostas. Eu me considero um mentecapto. Modestamente, até me identifiquei um pouco com aquele personagem do “Forrest Gump” (filme em cartaz à época), não sei se vocês viram. Eu sou aquilo. Eu sou o grande mentecapto. Só que não ganhei a corrida, até perdi. Murilo Rubião uma vez me desafiou:

você pode escrever sobre aquilo que não sabe. Não sei de muita coisa, mas Deus me deu o dom de tentar mudar isso escrevendo. A gente escreve sobre o que não sabe para poder ficar sabendo.

SL – Há quem diga que escrever é maldição.

FS – É uma maldição, mas é uma missão, uma obrigação a de tentar descobrir a verdade lá onde a imaginação alcança e a verdade muitas vezes se esconde. Eu gosto muito de uma frase de Jaime Ovalle. É verdade que devia ser um requinte dele, mas o Ovalle dizia: “O romancista é o profeta do passado”. Ele adivinha o que aconteceu. Ele procura nos dados de que dispõe a verdade escondida. Eu encontro um símile, uma metáfora que usei num livro meu chamado *O tabuleiro de damas*, um esboço de autobiografia em que um personagem meu, um delegado, está jogando damas com um escrivão e um pergunta para o outro se...

(Trecho de *O tabuleiro de damas* – Rio, Record: *Segundo Ezra Pound, o bom escritor é o que mantém viva a eficiência da linguagem. A palavra é que impulsiona a ação. No meu caso é meio de transmissão da ideia ou do sentimento, e não um fim em si mesmo. Portanto, deve ser transparente, cristalina. Na hora de escolher entre duas expressões, opto sempre pela mais simples. Uma oração tem sujeito, predicado e complemento. Mesmo me afastando dessa ordem, procuro não a perder de vista. E, sobretudo, tomo cuidado com os complementos. As regras do estilo, para mim, continuam as de sempre: clareza, concisão, simplicidade.*)

SL – O tabuleiro é preto com quadrados brancos ou branco com quadrados pretos...

FS – Mas havia uma terceira alternativa que não estava em jogo. A resposta não era nenhuma das duas propostas. O tabuleiro era de outra cor, com quadrados pretos e brancos. Eu preciso usar a imaginação de romancista para achar essa outra cor, ou seja, aquela opção de resposta. O resto é tinta. Eu acho que a realidade muitas vezes oculta ou escamoteia a verdade. A verdade eu não sei o que é. Tenho que encontrá-la escrevendo, para me completar. Para comungar com meus semelhantes eu teria que ser escritor. Ou não teria condição mental, nem intelectual, nem física de estar conversando com vocês.

SL – Há algum tempo, desanimado com a literatura, você disse que se tinha preparado para uma festa que não houve. No entanto continuou escrevendo. Parece que a festa continua. Qual é mesmo o sentido da festa a que se referia?

FS – Falava no sentido de comunhão. Eu projetava uma festa fora de mim, uma festa mais integrada. A festa são os outros. Falei aquilo no sentido de convivência, de me dar às pessoas. De não ser maior ou menor do que ninguém. Nem maior ou menos do que eu mesmo. Eu quero me entender com o outro de igual para igual. Eu quero saber coisas sobre os outros, eu os respeito, estou curiosíssimo em saber, e isso deve ser coisa de mineiro. Eu tenho que os tratar com certa verve, mas quero respeitar os outros. Agora, o que eu queria, por exemplo, era escutar vocês. Isto tem a ver com aquilo que está no meu livro *O menino no espelho*, que é de uma cumplicidade clara e dá a chave: eu quero pensar nos outros. Pensar nos outros é que é a festa. Não adianta você querer tirar dos outros aquilo que você não quer dar a eles. Então, na festa há um sentido de comunhão.

SL – Fernando, o sentido era realmente de comunhão ou de badalação?

FS – Sim, e nisso sou modesto, mas sincero. Você não vai ser maior do que é, nem menor. Você tem que ser do seu tamanho. O tratamento tem que ser de igual para igual, se eu conseguir chegar lá. Para isto, é preciso que nos respeitemos como semelhantes. Eu hoje me considero, não sei, de bem com a vida, porque tive o que eu buscava e o que mereci, tenho certeza disto. Estamos aqui conversando, e é uma conversa amena. Mas é também uma conversa séria, é uma catarse, uma confissão. Não tenho nada para esconder, nada, nada, nada. Há até um certo defeito em minha relação com outras pessoas: eu sou um livro aberto. Não tenho segredo nem com mulher, e isto mulher não admite, tem que haver algum mistério. Disse para as filhas, as mulheres que hoje me acompanhavam (Eliana e Verônica), que ia dar esta entrevista. Mulher às vezes não admite, mulher tem que ser essa espera – “aonde é que você vai?” E ela pode dizer, “você não vai não”. Vou, sim, vou encontrar com amigos. Eu vou dar uma entrevista, são dois rapazes de Belo Horizonte e isto me toca muito de perto, eu vou contar tudo. Eu vou dar uma entrevista para o Suplemento Literário de Minas Gerais, do Murilo Rubião. Não tenho segredo para ninguém, e isto é mau, perde o mistério completamente.

SL – Uma atitude de quem tem bons sentimentos. Inevitável perguntar: você concorda com aquela história de que a boa literatura não é feita de bons sentimentos?

FS – É, há aquela coisa do Gide de que não é com bons sentimentos que se faz a boa literatura. A literatura se faz, sim, com um tipo de desígnio, de intenção, de sentimento. Não é só sentimento, mas

compulsão. Você faz literatura como tem que respirar, se alimentar. Você tem que viver, mas eu acho que escrever é antes de tudo um ato de amor. Há quem compare o ato de escrever com o parto, e não acredito que seja um parto. O parto é lançar o livro, dar entrevista etc. Escrever é ato de amor. Mas alguém pode objetar: escrever você faz sozinho, e o amor se pratica a dois, não é? Pelo menos. E você tem que presumir a existência desse outro. É aquela figura mirífica que você mitifica, corporifica. É muito curioso quando você escreve alguma coisa ter que mostrar. Balzac lia o que escrevia para a empregada dele. Ele chamava a empregada e dizia que tinha que ler para alguém. Eu também tenho que ler para a minha secretária ou outra pessoa. Para mostrar com isso que eu tenho uma existência física, quer dizer, o que faço não é um produto só da imaginação que se corporificou. Eu gerei alguma coisa nesse ato de amor.

SL – E está satisfeito com o que fez até hoje? Há aquele trecho de carta de Mário de Andrade a você: se tiver mais de 35 anos, pode se considerar um caso perdido. Você, que deve ter mais que isso, se considera um sucesso?

FS – Você se vira para uma mãe que já tem dois, três filhos bem-sucedidos e pergunta: já está satisfeita com os dois, três filhos que teve? Está satisfeita com o que deu de amor? Você não vai dar mais amor? O amor se encerrou com esses filhos que ela teve? Não, continua mãe. Continua a compulsão. A compulsão de escrever é meio involuntária – como um sonho. Você pode pensar, vou dormir que eu quero sonhar. Você pode até dormir e querer sonhar com a Branca (Maria de Paula, escritora e fotógrafa presente), mas sonha diferente. O sonho é involuntário, mas o escritor tem que recuperar a inocência da criança.

SL – Você escreve com facilidade? Que é escrever, para você?

FS – Eu comparo o ato de criação com a criança, ao retorno da inocência. Você tem que recuperar a inocência da criança, mas essa criança é como alguém que a governanta leva para passear no parque. Ela pode atravessar a rua e ser atropelada, pode ser importunada por um desconhecido. A governanta tem que ter consciência do que faz. A governanta é a sua consciência. Há um momento em que, se você não toma cuidado, a casa cai. Mas você não pode conceder o tempo todo, e a criança tem que se sentir absolutamente livre. Escrever é mesmo um ato de amor e liberdade. Você já se imaginou fazendo amor e chegando alguém para perturbar? Você morre de susto.

SL – Você se isola para escrever? Lê seus textos para a empregada?

FS – Preciso de alguma tranquilidade para escrever. Tenho uma empregada há uns 15 anos...

SL – Aquela que faz falta?

FS – Exatamente. A falta que ela me faz. Um dia eu estava escrevendo um livro e falei para a minha empregada: “Olhe aqui, não me interrompa,

“EU SOU O GRANDE MENTECAPTO”

que estou escrevendo um livro. Vá fazer qualquer coisa, sei lá, você arrume a casa, passe um aspirador, faça o que você quiser, mas, por favor, não me interrompa, não me pergunte nada”. Aí ela entendeu tudo tão ao pé da letra que me deixou em paz. Depois de algum tempo, estava de costas e não a ouvi entrando. “O senhor quer mais alguma coisa?” Aí eu dei um grito, e ela gritou “O senhor quer me matar?” “Que foi que fiz, que foi que você fez?” Levamos aquele susto. Eu não estava no mundo. Era como se estivesse dormindo. Você fica nesse estado de transe, sofre pra burro, mas também tem compensações.

SL – Escrever é mesmo fácil ou impossível?

FS – Um escritor americano, não me lembro agora do nome, disse que escrever é muito fácil. Basta ficar olhando para o papel em branco, até começar a porejar sangue de sua testa. Um outro diz: não, abra uma veia... Você vê que há uma colocação terrível. Acontece como no ato de amor, quando pensa que ela não vai chegar, que ela saiu com outro, o abandonou e assim não é possível – essa aflição. E de repente ela abre a janela e entra. Por aí.

SL – Outra coisa. Você disse uma vez que gostaria de escrever um livro em que o leitor, quando o lesse, iria precisar de um lençol para recolher as lágrimas. Está devendo. Onde vai buscar assuntos?

FS – Eu disse isso de o leitor usar um lençol? Eu disse isso, será? Não me lembro. Mas, quanto aos assuntos, vocês sabem de uma coisa? Nem sempre o que escrevo é a mesma coisa. Quero essa complementação, quero me complementar a mim mesmo e procuro essa coisa que dê acesso ao leitor. É uma festa que não acaba não. O que acabou acabou. Quando acabou, você apaga a luz e vai para a sua função horizontal, o cemitério. Eu escrevo sobre mim mesmo. Aparentemente existe uma grande versatilidade. Uma história é sobre a minha infância, outra é de uma geração, outra de doido, outra de Jesus, outra sobre a Zélia (Cardoso de Melo). Como é que eu, sendo um maluco, um mentecapto, poderia encarar ao mesmo tempo um ser que é tão poderoso na política nacional e é tão frágil como mulher? No fundo estou escrevendo sobre mim mesmo. Enfim, toda a minha atividade literária é uma espécie de tentativa de me conhecer. Então é isso: no fundo eu estou escrevendo é sobre mim mesmo. Vocês falam de coisas que me tocam. E uma coisa que me toca de perto é o interesse que consegui despertar. Agora, posso jurar a vocês, é isto o que está acontecendo comigo.

SL – Está rico, conhecido, incensado pelos livros que fez? Pensou em entrar para a Academia?

FS – Eu não quero entrar em academias, ser glorificado, ganhar prêmios, não quero nada disso. Nada disso me atrai. É como dizia Rubem Braga, se tiver um dinheirinho em jogo talvez interesse. Claro, falo nisso de dinheiro de brincadeira, eu não preciso de mais do que mereço, presumo. O que tenho é um apartamento de 60 metros quadrados e o valor desse apartamento em caderneta de poupança, mais nada.

SL – Tem o nome.

FS – Com isso, dá para viver. O que tenho é muita despesa. Tenho sete filhos. Mas isto não é meu interesse na vida, dinheiro. Nem fama, nada. Nunca tive interesse de ser figura literária famosa, notoriedade, não tenho esse interesse, não quis nada disso. Meu interesse maior não foi senão o de alcançar a minha identidade, mas também não estou aflito com isto, eu atinjo essa identidade.

SL – Você é reconhecido pelas ruas, como os artistas...

FS – Há coisas que me comovem e vou dar um exemplo. Outro dia fui a um bar, o Antonio's, no Rio. Fomos eu e uma amiga almoçar – fazia tempo que eu não ia – e um garçom me disse que sua mulher tinha adorado um livro que eu lhe tinha mandado. Então veio uma das coisas mais gratificantes que já ouvi em minha vida. Eu perguntei por alguém, e ele me disse: “Puxa, você é amigo de todo mundo”. E ele disse a ela, minha amiga: “Olha, dona Fulana, a senhora não sabe, mas esse homem é o mais querido de nossa classe. Todos os meus colegas – nós somos porteiros, somos garçons, somos guardadores de automóveis, vendedores de livros, todos nós dessa área somos amigos, mas ele é o mais querido”. Aí, como estamos fazendo confidências, eu tenho que dizer que comecei a chorar, e essas pequenas coisas que me acontecem é tudo o que eu queria na vida.

SL – Você chora fácil?

FS – Muito mais para dentro.

SL – A propósito, consta que você fez uma vez levantamento do quintal da casa onde passou a infância e descobriu que naquele espaço ali estava sempre sozinho. Você continua sozinho na vida, principalmente agora que ficou sem seus três amigos inseparáveis, o Otto (Lara Resende), Paulo (Mendes Campos) e Hélio (Pellegrino)?

FS – Aí a pergunta é mais de ordem metafísica, uma pergunta bem séria mesmo. Existem mais amigos que morreram. Tantos amigos morrendo, com a morte deles eu perdi a melhor parte de mim, disso não tenho dúvida. Porque eu estou convencido, e já disse isso outras vezes, de que a gente nasce sozinho e morre sozinho. Você não pode fugir dessa solidão. Você tem que se dar aos outros, para poder recuperar alguma coisa. Assim você pode recuperar você próprio. Depois eu quero ler isto que estou dizendo, porque não estou falando figurativamente. E falo essas coisas porque tenho essa convivência com vocês. Então, eu acho que se você pensa nos outros, e está de bem com a vida, você consegue conviver com sua solidão. Ontem à noite fiquei conversando com o Frei Betto, e nós falávamos de solidão. Você tem que se convencer disso e estabelecer um elo de encontro com os outros: todo mundo é sozinho.

SL – Está em O encontro marcado...

FS – Você ia falar de O encontro marcado e interrompo para dizer uma coisa curiosa. Eu estou propondo um reencontro comigo. Isto está mexendo

muito comigo, esse reencontro marcado. Eu só não falo mais porque dizem que não dá sorte você antecipar as coisas.

SL – Mas, só aqui entre nós, que encontro é esse que você se propõe?

FS – Uma vez me perguntaram: se esbarrasse com o jovem, o adolescente que fui, qual seria a minha reação. E eu disse: seria um grande susto. Viraríamos as costas um para o outro. Eu botaria a mão no ombro dele, nos olharíamos nos olhos e eu diria: “Você pode ficar tranquilo, porque em tudo o que você acreditava eu continuo acreditando. Você, garoto, é inseguro, insatisfeito, mas não aprendi mais nada além do que você sabia”. Eu sinto isto. E digo mais. Eu acho que é preciso ir mais longe ainda. Não é só me identificar com esse jovem, respeitar, conhecer, acreditar no que ele acreditava, não. Eu acho que o papel do homem que atingiu a maturidade é recuperar a criança perdida nele próprio. Mas, olha aqui, para encerrar essa longa confissão sobre a criança de que falei, que atravessa a rua com sinal vermelho...

SL – Sobe em viadutos...

FS – Que subiu em viaduto, vocês também experimentaram? Eu já tenho intermediários entre a geração de vocês e a minha geração. Confesso que estou sentindo muita receptividade de vocês, que estão muito identificados comigo. Deixem eu contar: me impressionava muito a postura, o comportamento de Hemingway, machão, homem vencedor, que disse ter jogado a primeira parada com Turguenev e ganhou, o segundo round com Flaubert e ganhou, faltava ganhar o último round com Tolstoi. E a revista “Time” – ele se suicidou, não é? – disse o seguinte: ele era um homem que vivia olhando tudo como se fosse pela última vez.

SL – Consta que Salinger detestava Hemingway, que para demonstrar a eficiência de uma arma atirou na cabeça de uma galinha. Hemingway estava olhando a cabeça da galinha pela última vez...

FS – Aprendi que eu devia renascer a cada momento, olhar tudo com olhos de menino, com os olhos de pureza, não como se fosse pela última vez, mas pela primeira vez, como um menino. Daí eu gostar muito de viajar, porque aí você olha tudo como se fosse pela primeira vez. Eu fico olhando as coisas, eu fico querendo descobrir. Às vezes eu tomo um ônibus e penso que sou um estrangeiro que acabou de chegar ao Brasil. Eu quero ter essa visão sobre tudo o que faço, você perde a malícia, as defesas, os condicionamentos, perde dinheiro, dá mancadas, tudo acontece. Você abusa um pouco. Você só tem que tomar certo cuidado, tem que ter consciência de sua idade.

SL – Que idade você tem, Fernando?

FS – Às vezes mais de 70, às vezes sete anos.

SL – Da geração que veio depois da sua você acompanha o que acontece, se lembra de nomes?

FS – Deixa fazer uns nomes: Luiz Vilela, Wander Piroli, Duílio Gomes, Humberto Werneck, Ivan Ângelo – este último já tinha saído para São Paulo – aquela turma do Suplemento. Mas, na minha idade, estou fazendo leituras muito seletivas. Agora, por exemplo, estou querendo ler Dostoiévski de novo. Às vezes leio alguma coisa que tinha lido e percebo que não me lembrava mais de nada, devo estar perdendo a memória. Dessa turma de Minas eu posso citar alguns nomes que vieram junto com o Murilo Rubião, um pouco mais velho, ou logo depois dele, me lembro de alguns, sim. Murilo era mais velho, mas sei que era uma turma de amigos. Interessante é que vocês estão retomando o Suplemento com a mesma idade do Murilo quando o criou. Sou grato ao Suplemento, até fizeram um número especial sobre mim, ainda é na Augusto de Lima (avenida de Belo Horizonte)?

SL – Não, agora é no anexo do Museu Mineiro, na avenida João Pinheiro.

FS – É isto. Está havendo uma série de mudanças muito radicais nos meios de comunicação. O jornalismo hoje está mudado. Vocês viram como foram feitas as matérias sobre a morte de Tom Jobim? Quase que side story, que às vezes pode até funcionar. Acho isso estranho. Por exemplo, você pode dizer que, enquanto eu estou dando esta entrevista, minha filha Eliana finje que está lendo uma revista, mas na verdade está ouvindo tudo. Agora, você não pode botar isso num título, isso não é a história. Estão usando side story como se fosse a história, e isto é inacreditável. Isso que Pasolini dizia. Ele dizia que éramos os últimos escritores, uma raça em extinção. Hoje se comunica mais. Eu comecei a sentir isso na década de 70, quando fazia uns filmes com David Neves em Los Angeles. David levou alguns filmes da garota de Ipanema, fizeram 15 minutos de um compacto horrível que jogaram no lixo depois. Foi para 36 estações. Há informação em excesso. Livros fazem 3 mil, 5 mil exemplares, e um negócio desses tem 20 milhões de ouvintes.

SL – Mas com a graça de Deus chegaremos lá. Você é um homem religioso?

FS – Acabei de publicar *Com a graça de Deus*, e não era para fazer média, como vocês disseram. Eu sou de formação católica e um homem de fé, talvez porque eu seja um pecador. Por temperamento, sou pouco litúrgico. Eu estava até com um pouco de receio de escrever um livro sobre a vida de Jesus, um livro inspirado nos evangelhos, um livro de humor. Mas foi feito sem egoísmo ou chalaça.

SL – Fernando, como você sabe, para os monges medievais o Cristo não ria, porque o riso denotava ou conotava baita falta de seriedade – Umberto Eco até abordou o assunto em *O nome da Rosa*. Seu livro é sobre o humor de Cristo. Se vivesse naquela época, sabia que poderia enfrentar a Inquisição?

FS – É capaz. Talvez tivesse acontecido isso em decorrência do excesso

de respeito pelas versões que existem do Novo Testamento. Mas eu me baseei nos evangelhos, sem entrar nos apócrifos. Usei outros livros para lembrar uma coisa ou outra, mas me ative aos quatro evangelhos. E escrevi sem nenhum intuito de fazer proselitismo, sem postura exegética, teológica, nada. É uma visão literária, visão de um escritor afeito ao humor. Achava que podia recuperar essa linha de humor na vida de Cristo e que não foi escamoteada, mas ignorada, porque se tratava de livros sagrados. Há coisas incríveis que encontrei de disparidades por causa das traduções. Existe lá uma tendência para o humor, que eu acho que é o que salva a humanidade – dar boas risadas. Cristo era humano, era normal. E eu cultivo o humor. Por exemplo, quando a coisa fica mais séria, com relação a minha vida pessoal, eu me lembro de um samba, acho que de Orestes Barbosa que diz assim: “Às vezes dou gargalhadas/ Pensando na vida passada!”. Então eu acho que ainda vou dar gargalhadas. Quando eu recolhia dados, sempre havia um substrato daquilo que eu já fazia. Eu fazia crônicas quase que anedóticas, de incidentes da vida de um menino, de um caso de um inquilino, enfim, a minha missão de escritor era resgatar aquilo que faz que a vida seja digna de ser vivida. Nunca escrevi com raiva. Se alguém pergunta o que pretendo, respondo que, no fundo, meu ideal de escritor seria resgatar o mínimo, que é fazer com que a vida mereça ser vivida. Se provocar um sorriso de ternura já estou satisfeito.

SL – Se provocar indignação também?

FS – Também, mas vou dizer uma verdade: eu nunca escrevi com intenção de proselitismo, de defender tese, de denunciar, nunca fiz literatura social. Se alguém me perguntar, você, como escritor, que acha da eleição presidencial, da corrupção, respondo que, como escritor, eu não acho nada. Eu acho como cidadão, mas escrevendo eu me preocupo tanto com isso quanto com a sobrevivência de um chinês, que eu acho importante da mesma forma. Se alguma coisa que eu disser for entendida como denúncia e ajudar alguém, eu fico feliz.

SL – Suas crônicas parecem mais contos do que crônicas. Que você gosta mais de escrever, crônica, romance?

FS – Por temperamento e vocação eu gosto mais de romance. Eu fazia crônicas por uma questão de sobrevivência, e foi a pior fase de minha vida, economicamente. Crônica é um gênero um pouco amorfo, mas, quanto a parecer conto, é aquela história do Mário de Andrade, conto é aquilo que você chama de conto.

SL – Por que resolveu sair para a religiosidade no seu último livro? De novo, resolveu fazer média com Deus?

FS – A fragilidade do ser humano é que o resgata de seus equívocos, erros, omissões, descaminhos. É essa fragilidade que encaminha o homem para a misericórdia de Deus. Acredito que Deus não é o julgador que supomos. Cristo não é um vingador. Ele queria dizer umas coisas e entendíamos outras. Às vezes a gente esquece que Deus existe.

SL – E existe? Você acredita em Deus?

FS – Há uma frase muito bonita do Murilo Rubião que está no livro: “Em Deus eu não acredito, mas tenho uma grande devoção por Nossa Senhora”. Em Deus eu comecei a acreditar quando tinha seis, sete anos. Eu me perguntava: Mas onde é que isso vai parar? Onde tudo começou e onde vai acabar? Como é esse negócio de tempo?

SL – O demônio você viu, não é? Está lá n’ O encontro marcado.

FS – É mesmo, e me esqueci de me citar quando falei do demônio no novo livro...

(Trecho de *O encontro marcado* – Rio, Editora do Autor: *Você acredita em Deus? Não sabia por que, sentia que deveria decidir-se, era uma pergunta que ficara sem resposta, queria sempre poder responder a tudo, estar pronto a ser interrogado, fugir às respostas dúbias, hesitantes, que nada diziam. Olhou pela janela o céu estrelado, a imensidão infinita do céu... Não foi preciso muito para concluir que, sem Deus, jamais chegaria a entender onde o universo começava e onde acabava, de onde vinha ele, para onde iria. Concentrou-se, respirou fundo e declarou com firmeza – Acredito. Era um ponto de partida.*)

(Sabino pede arrego e lê longo trecho do seu livro *Com a graça de Deus*, em que cita Baudelaire: *uma das artimanhas do diabo é convencer de sua inexistência – e Guimarães Rosa: “O diabo diverte a gente com a sua dele nenhuma existência”.*)

SL – Há aquela passagem das tentações...

FS – Então, essa preocupação minha com Deus é antiga. Então entendo o tempo, não entendo o infinito. Einstein, na Teoria do Campo Unificado, onde diz que o infinitamente pequeno é como o infinitamente grande, leva um personagem meu a decidir: daqui pra frente eu não ando sem Deus. De tal maneira o espírito vai prevalecendo sobre a matéria, que acreditar em Deus para mim não é problema. O problema, como disse alguém e gostaria de que fosse coisa minha, é acreditar na existência desta mesa, como é que alguém cortou a árvore, desbastou a madeira etc., porque da matéria é que é duro de entender. Entender Deus não é sopa.

DRUMMOND AMORIM

autor dos romances *História de um primeiro amor* e *Balé de sombras*, é mineiro de Bocaiúva. Foi o vencedor da primeira edição do Prêmio Guimarães Rosa, em 1974.

Ricardo Teixeira de Salles

CORPO, TEMPO E

(...) “a emoção não é forma, a emoção é movimento.” Klaus Vianna

CORPO

Cada hora se agarra ao dia
servil à criação do gesto
pelo qual o corpo sangra
e contente nele habita.

Para suas narrativas de voo
o bailarino necessita espaços
como o pássaro distâncias
entregues
ao mapa dos alvoroços
que o olhar sensível guarda.

Como um belo cavalo
em tropel de êxtase
o corpo constrói outro corpo
ao revés das vozes.

Corpo
que em meu corpo
canta.

ADÁGIO DO VENTO

Sábio é o movimento
irmão do infinito
que ao vento é semelhante

ilimitadas são as danças
sonhos as motivam
sonhos jamais se extinguem

emoção é sentir
antes de entrar em cena
a espera e o pressentido.

AULA DE DANÇA

Buscamos no exercício físico
um contraponto dionisíaco
motor do movimento
verniz do desempenho

inflamamos silêncios
na extração das formas

sobrepomos fúria e afeto
para nossos corpos se tornarem
fluentes em corpos.

APRENDIZAGEM

Inteira vida
para aprender
entre a malha e o espelho
olhar ver arrebatas

gesto arrimando talento
esforço domando força
postura firmando equilíbrio
silêncio articulando significado
sedução delineando erotismo

lampejos
não redutíveis às palavras.

AFINAÇÃO DO CORPO

Ao corpo cumpre preservar
o espírito dos ritmos
com as afinações do gesto
levar o vasto instante
aos espaços mínimos
discernir no florir da música
compassos da eternidade.

DEVERES DE BAILARINA

Manter a sinfonia da imaginação
afinada com os reflexos do corpo

fazer da narrativa das mãos
instrumental de delicadezas

provar que não existem atalhos
nos caminhos que levam a dança

manter nos seios
as constelações do encantamento

compor a juventude
com as flautas da coragem

gozar agora a efêmera
vastidão da vida.

ESPA

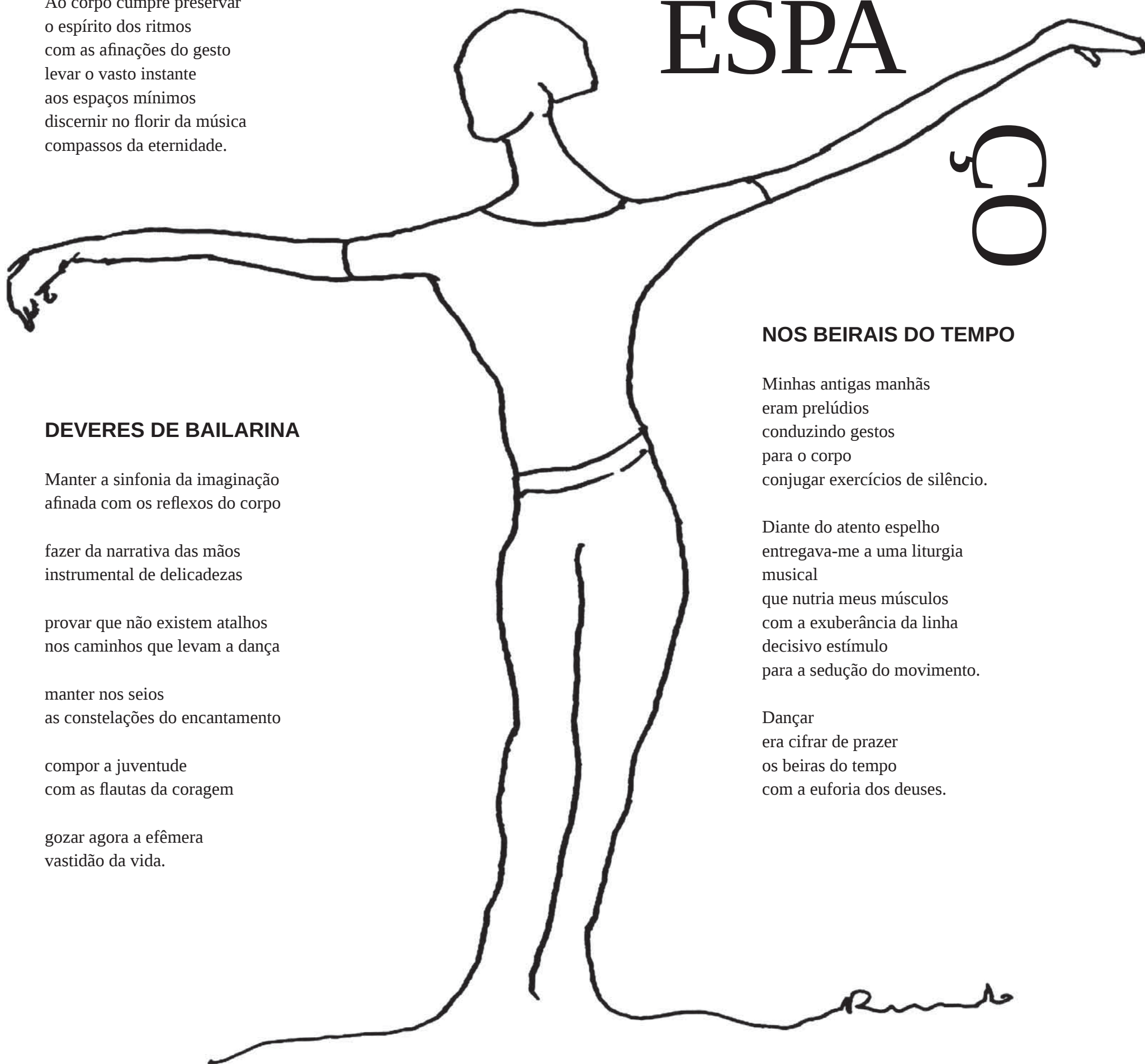
ÇO

NOS BEIRAS DO TEMPO

Minhas antigas manhãs
eram prelúdios
conduzindo gestos
para o corpo
conjugando exercícios de silêncio.

Diante do atento espelho
entregava-me a uma liturgia
musical
que nutria meus músculos
com a exuberância da linha
decisivo estímulo
para a sedução do movimento.

Dançar
era cifrar de prazer
os beiras do tempo
com a euforia dos deuses.





M A



Como um cão danado, desde os nove anos trazia estampada no rosto a marca da maldade. Tratava-se de uma *scarface* em altíssimo relevo: projetando-se a partir do lóbulo da orelha esquerda, derrapava por todo esse lado do rosto e estacionava, incômoda, a uns poucos milímetros do seu lábio superior, bastante próxima ao nariz. Apesar das muitas brigas, aquele ainda era um tempo de diversão, mesmo para ele, Ivan, o terrível. Com seus punhos de campeão e sua vontade indômita, o rebelde sonhador carregava no coração o estigma da violência e da intolerância dos outros para com ele. No silêncio da noite, a mãe era quem mais sofria, face a face com o futuro que adivinhava sombrio e cruel para seu filhinho, aquele pequeno grande homem, um homem de coragem, um adorável vagabundo. Na escola, comportamento zero: o garoto desconhecia a regra do jogo social, inscrevia-se entre os incompreendidos. Assim, para aquele anjo do mal, seu último refúgio era o crime, onde já se iniciara cometendo pequenos furtos na mercearia da esquina. Alguns anos mais tarde, tudo piorou de vez com a morte da mãe, a única que o compreendia e lhe dedicava afeto. Uma semana depois o pai trouxe para dentro de casa uma loura esquisita e oxigenada, que falava alto e esganiçado e usava roupas coloridas e justas, deixando à mostra, generosamente, as partes curvas e salientes do seu corpo. Era o diabo feito mulher. Além de implicar com ele, a malvada passava o tempo todo bebendo, fumando, dizendo obscenidades e rindo às gargalhadas quando ela e o pai fechavam a porta do quarto e hibernavam lá dentro por muitas e muitas horas. A sorte de Eddie Anderson era mesmo madrasta. Sentia-se um estranho no ninho, e antes que dissesse para o velho: — Um de nós morrerá, acossado pelo fantasma da liberdade e ouvindo ao longe a canção da estrada, fugiu de casa, foi viver a vida à beira do abismo, ao lado de uma turba, gente como ele, estranhos no paraíso: os deuses e os mortos parecem traçar o destino de um gângster com obsessão e cirúrgica precisão. Felizmente, enquanto aguardava a chegada do trem na estação, conhecera Claire e se apaixonara. Agora, na primavera da vida, já não carrega mais o coração vazio, já não é um homem sem rumo. Está inteiro, caminhando com o amor e a morte ao lado desta Lola, Lolita, também nascida para o mal. Assim falou o amor, e depois daquele beijo a Terra tornara-se pequena para a aventura, a utopia, a grande ilusão dos dois parceiros. Tinham sede de viver. Queriam tanto — salve-se quem puder, a vida —, queriam muito, amavam-se louca-

mente. Entre gritos e sussurros, o sexo para eles era como comprar, todos os dias, uma passagem para o desconhecido, fazer uma viagem à lua. Depois de alguns crimes miúdos, nos últimos meses haviam dado dois bons golpes: roubaram o tesouro de Sierra Madre e cometeram aquele que ocupou a primeira página dos jornais em todo o mundo: “O grande roubo do trem”. Livres e ocultos, agora estavam ali, há oito e meio dias, na Montanha dos Sete Abutres. Davam tempo ao tempo, enquanto preparavam seu plano de fuga para um país qualquer da América do Sul. Outubro iniciara-se e as chuvas caíram fortes, tempestuosas. O que era bom, pois dificultaria o acesso dos

perseguidores àquele lugar quase inacessível e, por definição, perigoso. Depois do vendaval, a natureza os premiara com luz, cores e uma atmosfera poética e contida que poderia ter sido diretamente extraída de uma paisagem de Gustave Courbet. O último pôr-do-sol havia sido inesquecível em sua magnitude calma e conselheira. Tanto que, Pierrot, o demônio das onze horas, refletiu em voz alta: — *Até parece que a guerra acabou*. Ao contrário, a caçada humana mal começara, a doce vida daqueles dias estava por terminar. Inconscientes do estado das coisas, descontraídos pela beleza do lugar, Jim Stark e Judy aprontaram-se para fazer um piquenique na montanha misteriosa. Distantes de tudo, longe do rumor e das luzes da cidade, sem nenhum contato com o restante da quadrilha, eles desconheciam que a polícia já sabia do seu paradeiro. Stromboli, um italianinho metido a besta, teria sido o delator. Crescente, la luna brilhava no alto. Influenciada pela ambientação, por volta da meia-noite Dadá lembrou-se de narrar para Corisco umas histórias japonesas que a avó dizia chamarem-se Contos da Lua Vaga. Apreciando no céu o brilho das vagas estrelas da Ursa, Ginny

— Ah, Dave, quando chegar a nossa hora, já podemos olhar para trás e gritar para quem quiser ouvir: também fomos felizes!

Moorehead suspirou e disse, com olhos úmidos e os seios arfantes de emoção: — *Ah, Dave, quando chegar a nossa hora, já podemos olhar para trás e gritar para quem quiser ouvir: também fomos felizes!* Imediatamente, ouviram um

ruído na folhagem, a uns cinquenta metros abaixo de onde se encontravam. Alerta, Walker teve a suspeita, mais que isso, a certeza, de que a patrulha perdida os havia alcançado: rastros de ódio. A noite da emboscada havia chegado. Imaginou se conseguiriam subir os 39 degraus que os separavam da casa. Antes que pudesse agir, em meio a um filme ruim viu um clarão nas trevas, ouviu o estampido no ar. E o grito: o joelho de Claire tinha sido atingido. Ela não conseguiria correr. Naquele breve momento, Romeu sentiu o dilema de uma vida: escapular, salvar sua própria pele, ou carregá-la no colo, arriscar-se a morrer com a Julieta em seus braços? Salvatore Giuliano decidiu-se pelo sacrifício, paixões que alucinam trazem em si o beijo amargo da morte. O segundo tiro acertara o tronco de uma árvore. Clyde se abaixou, abraçou Bonnie, levantou-a e virou-se para fugir. O terceiro tiro explodiu em suas costas. Ele dobrou-se de dor. Cambaleante, Michel Poiccard experimentou a angústia, o medo do goleiro diante do pênalti. E sorriu, pensando, enquanto ainda podia pensar: “Ninguém nunca saberá; levarei comigo o segredo das joias”. Sofreram nos corpos uma rajada de balas, e tombaram. Tão juntos que, ao cair, eram apenas um corpo, um corpo que cai. *Fade-out*. Quando o dia nasceu, aurora, não havia sinais de vida, a paisagem após a batalha era de cinzas e diamantes. Ruínas.

Texto elaborado a partir dos títulos brasileiros dos filmes nele citados, pelo que agradeço aos responsáveis pela tradução/criação desses títulos, quase sempre muito inventiva.

PAULO VILARA
lançou, em 2006, o livro de entrevistas *Palavras Musicais*. É também autor do infantil *Congresso Internacional da Bicharada* (Ed. Arco Íris).

Filmes e personagens citados, em ordem de entrada em cena

- Cão Danado/Nora Inu* – Akira Kurosawa, 1949
A Marca da Maldade/Touch of Evil – Orson Welles, 1958
Scarface, A Vergonha de Uma Nação/Scarface – Howard Hawks, 1932
Tempo de Diversão/Playtime – Jacques Tati, 1967
Ivan, o Terrível/Ivan Groznyi – Sergei Eisenstein, 1944
Punhos de Campeão/The Set-up – Robert Wise, 1949
Vontade Indômita/The Fountainhead – King Vidor, 1949
O Rebelde Sonhador/Young Cassidy – John Ford, 1965
Intolerância/Intolerance – D. W. Griffith, 1916
No Silêncio da Noite/In a Lonely Place – Nicholas Ray, 1950
A Mãe/Mat – Vsevolod I. Pudovkin, 1926
Face a Face/Ansiktet mot Ansiktet – Ingmar Bergman, 1976
O Pequeno Grande Homem/Little Big Man – Arthur Penn, 1970
Um Homem de Coragem/Westbound – Budd Boetticher, 1959
Adorável Vagabundo/Meet John Doe – Frank Capra, 1941
Comportamento Zero/Zéro de Conduite, Jeune Diable au Collège – Jean Vigo, 1933-1935
O Garoto/The Kid – Charles Chaplin, 1921
A Regra do Jogo/La Règle du Jeu – Jean Renoir, 1939
Os Incompreendidos/Les 400 Coups – François Truffaut, 1959
Anjo do Mal/Pick-up on South Street – Samuel Fuller, 1952
Seu Último Refúgio/High Sierra – Raoul Walsh, 1941
O Diabo Feito Mulher/Rancho Notorius – Fritz Lang, 1951
A Malvada/All About Eve – Joseph L. Mankiewicz, 1950
 “Eddie Anderson”, personagem de Kirk Douglas,
 em *Movidos Pelo Ódio/The Arrangement* – de Elia Kazan, 1969
Um Estranho no Ninho/One Flew Over the Cuckoo's Nest – Milos Forman, 1975
Um de Nós Morrerá/The Left Handed Gun – Arthur Penn, 1958
Acessado/A Bout de Souffle – Jean-Luc Godard, 1959
O Fantasma da Liberdade/Le Phantome de la Liberte – Luis Buñuel, 1974
Canção da Estrada/Pathar Panchali – Satyajit Ray, 1955
Viver a Vida/Vivre Sa Vie – Jean-Luc Godard, 1962
À Beira do Abismo/The Big Sleep – Howard Hawks, 1946
A Turba/The Crowd – King Vidor, 1928
Estranhos no Paraíso/Stranger Than Paradise – Jim Jarmusch, 1984
Os Deuses e os Mortos/The Dead – John Huston, 1987
Destino de Um Gângster/I, Mobster – Roger Corman, 1959
Obsessão/Ossessione – Luchino Visconti, 1942
A Chegada do Trem na Estação/L'Arrivée du Train en Gare – Louis Lumière, 1895
Na Primavera da Vida – Humberto Mauro, 1926
Homem Sem Rumor/Man Without a Star – King Vidor, 1955
Caminhando Com o Amor e a Morte/A Walk with Love and Death – John Huston, 1969
Lola, a Flor Proibida/Lola – Jacques Demy, 1960
Lolita/Lolita – Stanley Kubrick, 1962
Nascida Para o Mal/In This Our Life – John Huston, 1942
Assim Falou o Amor/Minnie and Mosckowitz – John Cassavetes, 1971
Depois Daquele Beijo/Blow-up – Michelangelo Antonioni, 1967
Terra/Zemlya – Aleksandr Dovjenco, 1930
A Aventura/L'Aventura – Michelangelo Antonioni, 1959
A Grande Ilusão/La Grande Illusion – Jean Renoir, 1937
Sede de Viver/Lust for Life – Vincente Minnelli, 1956
Salve-se Quem Puder – a Vida/Sauve Qui Peut – La Vie – Jean-Luc Godard, 1979
Gritos e Sussurros/Viskmingar och Rop – Ingmar Bergman, 1973
Viagem à Lua/Le Voyage à la Lune – George Méliès, 1902
O Tesouro de Sierra Madre/The Treasure of Sierra Madre – John Huston, 1947
A Primeira Página/The Front Page – Billy Wilder, 1974
O Grande Roubo do Trem/The Great Train Robbery – Edwin S. Porter, 1903
Oito e Meio/Otto e Mezzo – Federico Fellini, 1963
A Montanha dos Sete Abutres/The Big Carnival – Billy Wilder, 1951
Outubro/Oktyabre – Sergei Eisenstein, 1927
Depois do Vendaval/The Quiet Man – John Ford, 1952
O Último Pôr-do-Sol/The Last Sunset – Robert Aldrich, 1961
O Demônio das Onze Horas/Pierrot le Fou – Jean-Luc Godard, 1965
A Guerra Acabou/La Guerre Est Finie – Alain Resnais, 1966
Caçada humana/The Chase – Arthur Penn, 1966
A Doce Vida/La Dolce Vita – Federico Fellini, 1960
O Estado das Coisas/Der Stand der Dinge – Wim Wenders, 1982
 “Jim Stark” e “Judy”, personagens de James Dean e Nathalie Wood, em
Juventude Transviada/Rebel Whitout a Cause, de Nicholas Ray, 1955
Piquenique na Montanha Misteriosa/Picnic at Hanging Rock – Peter Weir, 1975
Luzes da Cidade/City Lights – Charles Chaplin, 1931
Stromboli/Stromboli, Terra di Dio – Roberto Rossellini, 1949
O Delator/The Informer – John Ford, 1935
La Luna – Bernardo Bertolucci, 1979
Por Volta da Meia-Noite/Round Midnight – Bertrand Tavernier, 1986
 “Dadá” e “Corisco”, personagens de Sonia dos Humildes e Othon Bastos,
 em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, 1964
Contos da Lua Vaga/Ugetsu Monogatari – Kenji Mizoguchi, 1953
Vagas Estrelas da Ursa/Vaghe Stelle dell'Orsa – Luchino Visconti, 1965
 “Ginny Moorehead” e “Dave Hirsh”, personagens de Shirley Maclaine e Frank Sinatra,
 em *Some Came Running/Deus Sabe Quanto Amei*, de Vincente Minnelli, 1959
Também Fomos Felizes/Bakushy – Yasujiro Ozu, 1951
 “Walker”, personagem de Lee Marvin, em *Point Blank/À Queima-Roupa*, de John Boorman, 1967
Suspeita/Suspicion – Alfred Hitchcock, 1941
A Patrulha Perdida/The Lost Patrol – John Ford, 1934
Rastros de Ódio/The Searchers – John Ford, 1956
A Noite da Emboscada/The Stalking Moon – Robert Mulligan, 1969
Os Trinta e Nove Degraus/The Thirty-Nine Steps – Alfred Hitchcock, 1935
Um Clarão nas Trevas/Wait Until Dark – Terence Young, 1967
O Grito/Il Grido – Michelangelo Antonioni, 1957
O Joelho de Claire/Le Genou de Claire/Eric Rohmer, 1970
O Dilema de Uma vida/Il Deserto Rosso – Michelangelo Antonioni, 1963
 “Romeu” e “Julieta”, personagens de Leslie Howard e Norma Shearer,
 em *Romeo & Juliet/Romeu e Julieta*, de George Cukor, 1936
 “Salvatore Giuliano”, personagem de Pietro Cammarata,
 em *Salvatore Giuliano/O Bandido Giuliano*, de Francesco Rosi, 1962
O Sacrifício/Offret – Andrei Tarkowski, 1986
Paixões Que Alucinam/Shock Corridor – Samuel Fuller, 1963
O Beijo Amargo/The Naked Kiss – Samuel Fuller, 1964
 “Clyde” e “Bonnie”, personagens de Warren Beatty e Faye Dunaway,
 em *Bonnie and Clyde*, de Arthur Penn, 1967
O Terceiro Tiro/The Trouble with Harry – Alfred Hitchcock, 1956
 “Michel Poiccard”, personagem de Jean Paul Belmondo,
 em *A Bout de Souffle/Acessado*, de Jean-Luc Godard, 1959
O Medo do Goleiro Diante do Pênalti/Die Angst des Tormanns Beim Elfmeter – Wim Wenders, 1971
Segredo das Joias/The Asphalt Jungle – John Huston, 1950
Uma Rajada de Balas/Bonnie and Clyde – Arthur Penn, 1967
Um Corpo Que Cai/Vertigo – Alfred Hitchcock, 1958
Aurora/Sunrise – Friedrich Wilhelm Murnau, 1927
Sinais de Vida/Lebenzeichen – Werner Herzog, 1967
Paisagem Após a Batalha/Krajobraz po Bitwie – Andrzej Wajda, 1972
Cinzas e Diamantes/Popiol i Diament – Andrzej Wajda, 1958

RUBRA FLOR

Beth Fleury

O meu amor
Se alimenta
É de si mesmo
Cresce
Feito flor
Na carne rubra

Parte
Do princípio
De que é amor
E cabe
Por ser amor
A face
Que a toda dor
Seu ardor desnuda

Parte e ceifa
O caule da mesma flor
Que aos olhos
De qualquer temor
Se revela

E à luz de todo dia
Se esconde
E mais se esconde
Quando se revela
Resvala para o silêncio
Que é a sua sombra

E por princípio
De não se revelar
Enobrece aquilo
Que de tanto celebrar
Se esquece
Que por se expandir
Quem sabe, talvez
Não mais se esconda.

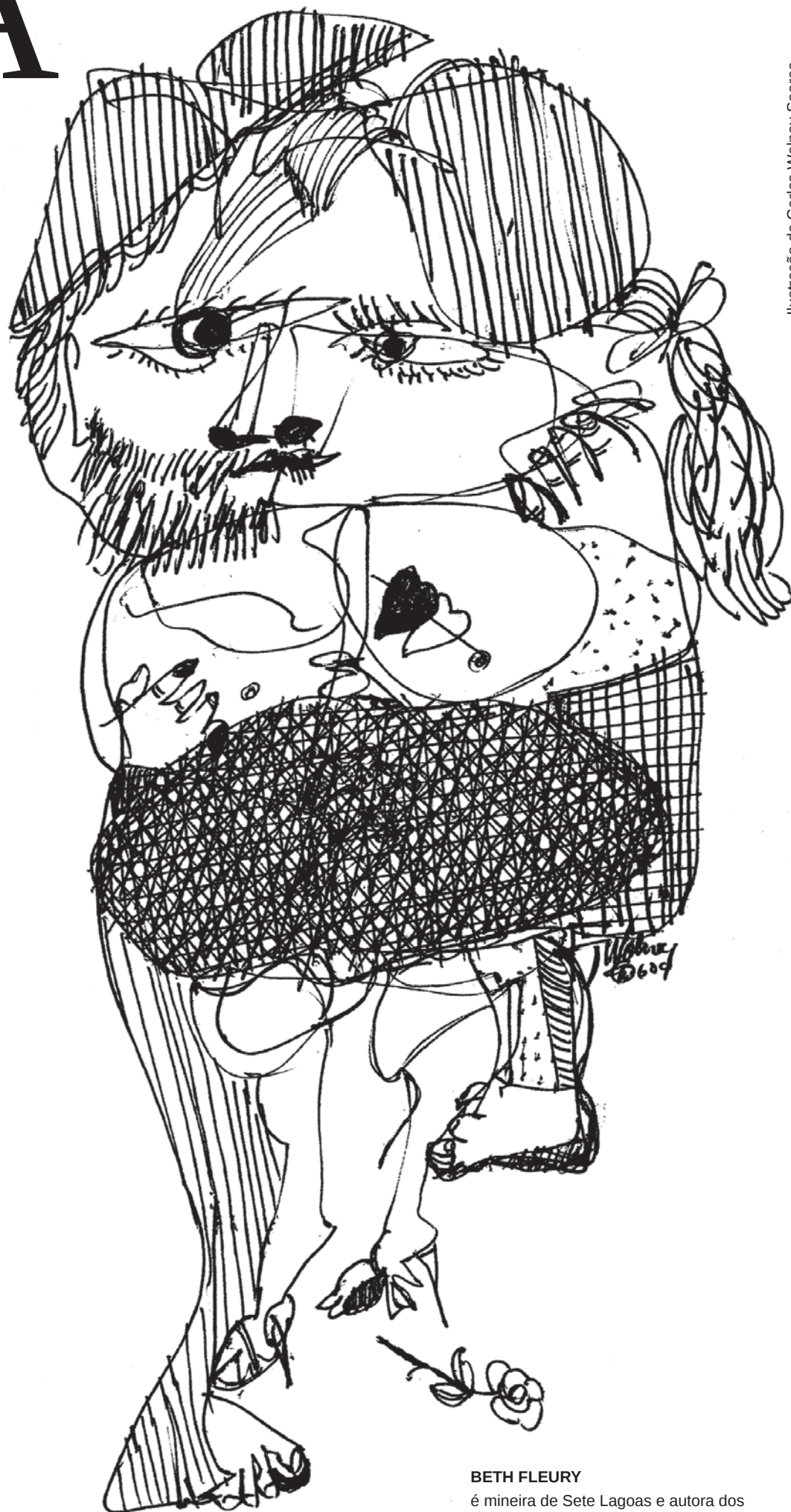


Ilustração de Carlos Wolney Soares

BETH FLEURY
é mineira de Sete Lagoas e autora dos
poemas de *Na cor do sangue* e de *Palavra
possuída*.